

Vínculos entre as ruas ilheenses e as transformações sociais em *Gabriela, cravo e canela*

Bruna Araujo Cunha¹

Resumo: No romance *Gabriela, cravo e canela*, Jorge Amado faz uso de elementos regionais, mas que alcançam âmbito nacional, com o intuito de retratar uma nova sociedade que estaria por vir. Muitos destes elementos se fazem presentes nas ruas ilheenses, apesar de existirem em demais espaços sociais. O presente trabalho propõe analisar a postura assumida pelos personagens da narrativa perante as ruas da cidade baiana como testemunhas de um processo de modernização urbana que acontecia na época, mas, sobretudo da mudança de postura de alguns personagens que começavam a contestar determinados comportamentos e costumes do período. Assim, é por meio do espaço público, isto é, do vínculo dos seres humanos com o espaço das ruas, que conhecemos a realidade social de Ilhéus que, apesar de estar inserida em um período de modernização, apresentava diversos resquícios da sociedade moralista do passado.

Palavras-chave: Romance. Rua. Espaço. Cidade. Costumes.

¹ Mestranda em Letras e Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

The connections among streets of ilhéus and the social transformations in *Gabriela, cravo e canela*

Abstract: In *Gabriela, Cravo e Canela* novel by Jorge Amado is possible to notice that the author uses local elements which also have national reach in order to describe a new society that was to come. Most of those elements can be found in others social spaces. The main purpose of this work is to analyze the attitude assumed by the characters of the narrative as witnesses of a urban modernization process that was happening to the streets of Ilhéus. Another aspect also noticed is related to the attitude adopted by some characters in order to contest certain behavior and customs of the period mentioned. As a result it's possible conclude that the connections constructed between people and its historical place allows us to learn about the social reality of Ilhéus.

Keywords: Novel. Street. Space. City. Customs.

Introdução

As décadas nas quais o conjunto da obra de Jorge Amado foi escrito foram épocas difíceis para a nação brasileira, uma vez que, em meados dos anos 1930 vivenciávamos inúmeros problemas econômicos e sociais. Logo, nascia neste contexto uma literatura que problematizava a condição do país, representada por autores como Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Jorge Amado. Neste momento, denominado por Alfredo Bosi (2009) de “era do romance brasileiro”, a escrita literária se con-

centrava em reflexões acerca dos problemas sociais brasileiros. Dessa forma, a narrativa da segunda geração modernista privilegia áreas rurais do Nordeste brasileiro ou do litoral baiano por serem regiões menos favorecidas socioeconomicamente. Todavia, apesar de regionais, os romances de 30 alcançavam âmbito nacional por meio do engajamento político-social, por isso Antônio Cândido ressalta que os romances produzidos pela geração de 1930 consagram o romance brasileiro.

Ainda seguindo esta mesma perspectiva, Benjamin Abdala Junior diz:

É característica do realismo crítico que envolve esses autores trazer para a reflexão problemas sociais marcantes do momento em que escreveram seus romances. Não escrevem apenas como uma forma de provocar estesia, o prazer artístico, mas também como uma maneira de conscientizar o leitor de problemas reais de seu tempo. O romance é para eles, pois, de intervenção social: o objetivo comum era criticar ou denunciar um problema social para contribuir para a sua solução (1993, p.11).

Neste sentido, surgiam no campo das artes obras de cunho social que de uma certa forma denunciavam a situação alarmante das más condições de vida das pessoas menos favorecidas, a seca, o analfabetismo, os desníveis sociais, a distribuição de terras, entre outros.

Jorge Amado foi um romancista baiano que se destacou por tratar de temas de âmbito nacional. Dentre sua extensa obra, podemos encontrar temáticas diversificadas com um repertório vasto de personagens, linguagens e espaços físicos que caracterizam a cultura

brasileira. Além disso, foi um fenômeno de vendas, sendo traduzido para diversas línguas, alcançando um sucesso extraordinário no mercado editorial.

O primeiro romance escrito por Jorge Amado foi *O País do Carnaval*, publicado em 1931. Já em 1933 é publicado seu segundo romance, *Cacau*, no qual encontramos características do ideal comunista, uma vez que o escritor havia, há um ano, se filiado à Juventude Comunista, e por isso este posicionamento político manifestar-se-á em parte de sua produção literária, tal como *Suor* (1934), *Jubiabá* (1934), *ABC de Castro Alves* (1941), *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes* (1942).

No ano de 1956, Jorge Amado afastou-se do Partido e abandonou o romance de caráter militante, e em 1958 escreveu o romance *Gabriela, cravo e canela*, que marcou o início de um novo período literário na carreira do escritor. Todavia, o “engajamento social” ainda estava presente em algumas de suas obras, tais como *Farda, Fardão, Camisola de Dormir: fábula para ascender uma esperança* (1979).

Pode-se dizer que Jorge Amado é um escritor peculiar pela diversidade temática de sua obra. Nela encontramos elementos de uma sociedade que é perceptível em demais terras nacionais, isto é, a preocupação do autor em problematizar os marginalizados resulta na análise de uma dada sociedade que existe em diversas regiões brasileiras. Suas narrativas fundamentam-se em uma postura ideológica carregada de lirismo, fazendo alusão às linguagens que caracterizam o linguajar do povo, fato que lhe rendeu inúmeras críticas, pois como salientou Bosi,

a prosa de ficção encaminhada para o 'realismo bruto' de Jorge Amado... beneficiou-se

amplamente da 'descida' à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos, que a prosa modernista tinha preparado (BOSI, 2009, p. 385, grifos do autor).

A partir dos anos 1950, como mencionado anteriormente, a crítica considera que Jorge Amado inicia um novo período em sua carreira. Mas, ainda retratando as mazelas da realidade regional brasileira, Jorge Amado passa a apresentar em suas narrativas personagens femininas, sensualidade e um humor oriundo de acontecimentos do cotidiano. Nesta linha, o romance *Gabriela, cravo e canela* foi uma das obras mais populares do escritor baiano. Traduzida para mais de quinze idiomas, a obra foi premiada, adaptada para a TV e para o cinema. Além disso, depois da venda de mais de 160 mil exemplares, a narrativa amadiana foi adaptada e exibida pela TV Tupi do Rio de Janeiro e pela rede Globo de televisão.

Em 1950, ano em que o romance foi escrito, o estado baiano vivenciava o processo de modernização que culminaria, nos anos de governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), com a construção de Brasília, o avanço da indústria automobilística, o advento da televisão, entre outros fatores.

A obra retrata a sociedade de Ilhéus no ano de 1925, apresentando a história de amor entre Gabriela e Nacib. Por meio dela, a problematização dos costumes locais é bem demarcada, denunciando as amarras da união matrimonial e pondo em questão as regras de conduta estabelecidas pela sociedade. A narrativa amadiana leva a refletir sobre a realidade brasileira, denunciando inúmeras desigualdades sociais que, representadas na cidade de Ilhéus, faziam também referência às demais localidades

do país. Em consequência da amplitude da obra e dos acontecimentos nela narrados, a história de amor fica em segundo plano, como consta na própria narrativa:

Para uns foi o ano do caso da barra, para outros o da luta política entre Mundinho Falcão, exportador de cacau, e o Coronel Ramiro Bastos, o velho cacique local. Terceiros lembravam-no como o ano do sensacional julgamento do coronel Jesuíno Mendonça, alguns como o da chegada do primeiro navio sueco, dando início à exportação direta do cacau. Ninguém, no entanto, fala desse ano, da safra de 1925 à 1926, como o ano do amor de Nacib e Gabriela, e, mesmo quando se referem às peripécias do romance, não se dão conta de como, mais que qualquer outro acontecimento, foi a história dessa doida paixão o centro de toda a vida da cidade naquele tempo, quando o impetuoso progresso e as novidades da civilização transformavam a fisionomia de Ilhéus (AMADO, 2001, p. 11).

Durante o século XIX e no começo do século XX, cidades como Ilhéus vivenciavam uma prosperidade econômica muito intensa, pois a Bahia experimentava um grande desenvolvimento econômico em virtude da plantação de cacau no estado. Em *Gabriela, cravo e canela*, esta mudança social é narrada inicialmente como fator positivo, isto é, um acontecimento que traria para a cidade a “tão falada civilização” (AMADO, 2001, p. 7). No decorrer da narrativa, percebe-se que a cidade baiana vai deixando de ser uma vila agrária no que diz respeito ao espaço físico, pois a grande parte da população

ainda vivia em consonância com um padrão de vida arcaico. E, ainda que poucos, encontramos em Ilhéus indivíduos que agiam, pensavam e lutavam por uma sociedade mais igualitária. É neste sentido que este artigo propõe analisar os vínculos existentes entre a modernização da cidade e suas transformações sociais.

Do passado e do futuro misturados nas ruas de Ilhéus

Exatamente assim denominado, "Do passado e do futuro misturados nas ruas de Ilhéus", o segundo capítulo da primeira parte de *Gabriela, cravo e canela* apresenta ao leitor o tão falado "progresso" que estava por instaurar-se na cidade. Os primeiros indícios de modernização, como a estrada de rodagem, as marinetes, o primeiro prédio com elevador, o avanço da medicina, chegavam ao local em 1925, ano em que a safra de cacau garantiria a prosperidade ilheense.

No decorrer do referido ano a modernização e urbanização da cidade são notórias. Todavia, alguns acontecimentos sociais, dito de outra forma, algumas atitudes consideradas ousadas e inovadoras pela população local, tomadas por determinados personagens (Malvina, Gabriela, Mundinho), contestam determinados comportamentos e costumes do período, tais como a situação da mulher, a política, o machismo, o patriarcalismo, o coronelismo, e a dificuldade de ascensão social de indivíduos que estavam à margem da sociedade.

Isto acontecia porque a modificação de um espaço físico provavelmente dava condições de existência a comportamentos que coadunavam com este

novo ambiente, pois como ressaltou o sociólogo Roberto da Matta (1997, p. 41),

casa, rua e outro mundo demar[cam] fortemente mudanças e atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em torno dos membros da nossa sociedade.

Neste sentido, encontravam-se nas ruas ilheenses indivíduos que reivindicavam novas condutas perante uma sociedade que estava em processo de modernização, pois se o moderno se opõe ao antigo, muita coisa ainda – além dos avanços tecnológicos, da imigração, da urbanização – deveria ser revista em Ilhéus. E, como salientava o narrador do romance, a cidade baiana vivia em ambivalência, pois

ainda se misturava em suas ruas esse impetuoso progresso, esse futuro de grandezas, com os restos dos tempos da conquista da terra, de um próximo passado de lutas e bandidos. Ainda as tropas de burros conduzindo cacau para os armazéns dos exportadores, invadiam o centro comercial, misturando-se aos caminhões que começavam a fazer-lhes frente. Passavam ainda muitos homens calçados de botas, exibindo revólveres, estouravam ainda facilmente arruaças nas ruas de canto, jagunços conhecidos arrotavam valentias nos botequins baratos, de quando em vez um assassinato era cometido em plena rua. Cruzavam essas figuras, nas ruas calçadas e limpas, com exportadores prósperos, vestidos com elegância por alfaiates vindos da Bahia, com incontáveis caxeiros-viajantes e cordiais, sabendo sempre as últimas anedotas (AMADO, 2001, p. 13).

Dessa forma, a rua – espaço público, “local de individualização, de luta e de malandragem” (MATA, 1997, p.47) –, será aqui considerada como meio de manifestação social que revela valores, morais, e padrões de civilidade. E, ainda, espaço que permeia o contraste entre o moderno e o arcaico.

Ademais, a cidade tinha uma função diferente dos centros urbanos dos dias de hoje. Na Ilhéus pacata do início do século XX, o caminhar pelas ruas, o sentar nos bancos das praças, e até mesmo frequentar os bares mais populares, tinham uma relação de cumplicidade e intimidade que se perdeu atualmente em prol da vida agitada das grandes cidades. Contudo, esta relação de familiaridade não proporcionava apenas benefícios, pois a mesma era uma das causas dos grandes mexericos nas cidades pequenas que, geralmente, suscitavam intrigas por meio de julgamentos preconcebidos da vida alheia. E em Ilhéus “Falar da vida alheia era a arte suprema, o supremo deleite da cidade” (AMADO, 2001, p. 70).

Este quadro social se fazia presente pelo fato de que, como bem delineou Henri Lefebvre (2001), a cidade é um espaço moldado pelas atitudes sociais dos cidadãos que nela habitam. Logo, a cidade evolui caso a sociedade também evolua.

No romance de Jorge Amado, o advento da modernidade na cidade de Ilhéus trazia consigo questionamentos a respeito dos comportamentos sociais custodiados pelos detentores de poder na cidade, visto que eles desempenhavam a função dos órgãos responsáveis pela justiça e segurança dos indivíduos. Estes homens, em Ilhéus, eram os coronéis, grandes produtores de cacau. A eles cabia total autonomia sobre a política

municipal, sobre a decisão do futuro dos filhos, sobre a vida das mulheres, entre outros fatores que caracterizam uma sociedade patriarcal.

Na narrativa amadiana, o coronel Ramiro Bastos era um homem conservador que possuía o domínio da política local e comandava a cidade há vinte anos. Seu governo restringia-se a calçar ruas e construir jardins. Em conformidade com a postura machista, não era adepto da modernidade e era contra a política progressista e inovadora de Mundinho Falcão. Apesar de muitas vezes o seu governo ter sido criticado por uma pequena parcela da população, a mesma não discutia as ações do coronel. Ao contrário, mostrava-se constantemente passiva, atendendo e acatando as ordens do coronel, cuja fala possuía um tom autoritário: “Numa coisa todos concordavam: em dar razão ao coronel, em louvar-lhe o gesto de macho” (AMADO, 2001, p. 93).

A mulher era vista como objeto pelos coronéis. A eles deviam obediência total, por isso deviam assumir posturas específicas que as caracterizavam como senhoras de família, caso contrário eram marginalizadas, como as raparigas que ganham um tom pejorativo na fala de Ramiro Bastos: “Nas roças, trabalhador casa até com toco de pau, se vestir saía. Pra ter mulher em casa com quem deitar, também pra conversar. Mulher tem muita serventia, o senhor nem imagina. Ajuda até na política. Dá filho pra gente, impõe respeito. Pro resto, tem as raparigas (AMADO, 2001, p. 173).

A fala do coronel Ramiro Bastos condensava o pensamento da maior parte dos ilheenses, inclusive das próprias mulheres. Este quadro crítico de discriminação das mulheres foi representado com maestria por Jorge Amado através de duas personagens: a que dá título ao

romance, Gabriela, e Malvina. Enquanto a maioria das personagens femininas do romance mostrava-se conformada com a situação, aceitando e concordando com a condição de subordinação aos seus maridos, Gabriela e Malvina ganham destaque na narrativa por contestarem o sistema patriarcal. Personagens femininas transgressoras, elas questionavam as injustiças da sociedade machista na qual estavam inseridas.

As atividades dos homens e das mulheres eram muito bem demarcadas na Ilhéus do século XX. Ir à igreja, por exemplo, era dever das mulheres, assim como cuidar dos afazeres domésticos. Já a política e o trabalho, enquanto fonte de renda para sustentar a família, cabiam aos indivíduos do sexo masculino. Se “mulher é pra viver dentro de casa, cuidando dos filhos e do lar” (AMADO, 2001, p. 59), suas atribuições resumiam-se ao casamento, à família, ao trabalho doméstico, e à prostituição para aquelas que infringiam as regras da moral. Já os homens, “com direito a dinheiro, a tudo fazer” (AMADO, 2001, p. 219), podiam estudar em faculdades, ter amantes, fazer leituras de obras consideradas subversivas, como *O Crime do padre Amaro*:

Para eles os direitos, para elas o dever, o respeito. Guardiães da honra familiar, do nome do marido, responsáveis pela casa, pelos filhos [...]. Assim fora sempre, assim continuava a ser, como se nada se transformasse, a vida não mudasse, não crescesse a cidade (AMADO, 2001, p. 219).

Mas esta situação vai sendo combatida no decorrer do romance. E não somente isso, mas também a condição estática da política da cidade, ou seja, mais um dos

costumes sociais de Ilhéus, aqui analisados pelo viés do estudo do espaço, especificamente das ruas ilheenses.

Vale ressaltar que estamos considerando a cidade no presente trabalho não apenas como um simples território, mas como um espaço de sociabilidade, de convivência. Para isso trazemos a voz de Fraya Frehse (2011, p. 23), que destaca a cidade enquanto espaço de pessoas e não de indivíduos, enquanto local de “mediação de relações socioespaciais, de vínculos dos seres humanos simultaneamente com o espaço”. Como já delineado através das contribuições de Roberto da Matta, queremos reforçar que este espaço público revela a vivência da sociedade, isto é, seus costumes, culturas, modos de vestir, comportamentos entre tantas outras manifestações sociais.

Na cultura local ilheense retratada por Jorge Amado, o machismo e a conformidade política são alguns dos costumes revelados pelas ruas da cidade. A condição política, por exemplo, é abordada em reuniões particulares e em casa de família enquanto planejamento, mas é no espaço público, como no Bar Vesúvio, na Papelaria Modelo e nas ruas da cidade que a questão assume sentido de discussão, de problematização entre as pessoas que a presenciavam.

Isso fica claro no diálogo de um grupo de pessoas que desembarcam em Ilhéus e reclamam do descaso dos governantes com a população.

- É uma vergonha essa barra.
- É um perigo. Um dia desses um navio fica aí para sempre, adeus porto de Ilhéus...
- O governo não liga...
- Não liga? Deixa assim de propósito. Para não entrar navio grande. Para a exportação continuar para a Bahia (AMADO, 2001, p. 41).

Essa mesma conversa acompanha o caminhar dos pedestres até chegar ao Bar Vesúvio, onde o assunto é ampliado e passa-se a comentar sobre o progresso da cidade.

Fraya Frehse (2011, p. 255) afirma que “a rua é o espaço pelo qual nenhum pedestre passa incólume”, ou seja, ao passar e ao interagir nas ruas, o pedestre, enquanto pessoa, deixa transparecer seus pensamentos e personalidade por meio de suas atitudes, modos de vestir, gestos, comportamentos, entre outros vestígios que revelam diversas características de alguém com um determinado comportamento social.

No romance, Malvina é uma personagem que deixa enquanto pedestre transparecer muito de seu caráter pelo seu comportamento ao passar pelas ruas de Ilhéus. Não é por menos que João Fulgêncio ao vê-la comprando chocolate em um bar, diz: “Essa moça é diferente das outras, tem caráter” (AMADO, 2001, p. 143). Pertencendo a uma família tradicional, filha do coronel Melk, a jovem não aceitava viver conforme os costumes de sua cidade. Logo, criticava as convenções sociais e principalmente a subordinação da mulher ao homem. Ela “odiara desde cedo a casa, a cidade, as leis, os costumes. A vida humilhada da mãe a tremer ante Melk, a concordar, sem ser consultada para os negócios” (AMADO, 2001, p. 218).

Além de considerar intoleráveis os costumes de Ilhéus, Malvina não compactuava com eles, ela os questionava e tomava atitudes que muitas personagens não tinham iniciativa de tomar por receio dos comentários da sociedade e por contrariar as regras sociais. Isso causou à jovem “revolucionária” inúmeras críticas e julgamentos, inclusive de seu pai.

Quando na cidade chegou o engenheiro Rômulo, trazido por Mundinho Falcão para estudar o caso da barra, todos se espantaram ao descobrir que o engenheiro, já casado, estava de caso com Malvina. Esta cena se desenvolve no capítulo terceiro do romance, "O segredo de Malvina", em um subcapítulo intitulado "Do Demônio solto nas ruas".

Nesta parte do romance, Dorotéia aparece como uma das personagens que contribuía para a postura machista e conservadora da cidade, rogando pragas contra Malvina e condenando outras mulheres pelo seu modo de vida. Dorotéia dizia que Glória, amante do coronel Coreolano, deveria morar em um lugar afastado, pois uma figura como ela poderia desvirtuar as pessoas de família que habitavam aquele local, a praça São Sebastião, onde moravam as famílias da alta sociedade de Ilhéus. A personagem fazia também comentários desfavoráveis a respeito do comportamento de Malvina: "TESCONJURO!... Até parece que o demônio anda solto em Ilhéus. Onde já se viu moça solteira namorar homem casado?" (AMADO, 2001, p. 211).

É interessante observar que o narrador, logo após a sentença acusativa pronunciada por Dorotéia, informa ao leitor que a mesma acontecera no átrio da igreja juntamente com as solteironas, isto é, novamente outra crítica feita ao descumprimento dos costumes ilheenses acontece em um espaço público, pois o vocábulo átrio designa um espaço compreendido entre a entrada de uma habitação e a rua.

Chamamos a atenção, novamente, para a compreensão do espaço da rua como local de transformação social, ou seja, local de acontecimentos que transgridem e contestam costumes pré-estabelecidos pela sociedade local. Isso ganha maior notoriedade quando o autor do

romance explicita, em alguns títulos que dividem os capítulos, a funcionalidade das ruas. Por isso, voltamos a argumentar com palavras de Fraya Frehse (2011, p. 43), “pelo estudo das ruas chega-se às regras de civilidade”, como é possível perceber debruçando-nos novamente sobre comportamentos reivindicativos da personagem Malvina. E aqui, destacamos pela complexidade que o fato recebe no romance, o momento em que a mesma vai ao velório de Dona Sinhazinha, uma senhora da alta sociedade que tinha sido brutalmente assassinada pelo marido em consequência de sua conduta adúltera.

Na Ilhéus do início do século XX era hábito que todo homem conduzisse um revólver no cinto (AMADO, 2001, p.113), e era normal punir fisicamente a mulher que o traísse: essa e seu amante eram, na maioria dos casos de adultério, assassinados à queima roupa. Tal cultura estava tão arraigada na sociedade, que matar, no caso de traição, já não era mais sinônimo de crime, mas um ato de honra, “porque assim era em Ilhéus: honra de marido enganado só com sangue podia ser lavada” (AMADO, 2001, p. 92).

Conforme a moral da cidade, na narrativa praticamente ninguém comparecera ao velório da adúltera, uma vez que muitos cidadãos consideravam a “sociedade” como uma força externa, e os hábitos desta os impediam de assumir atitudes que poderiam os torná-los alvo de críticas. Logo, a presença de Malvina causou escândalo para a população que acatava os costumes locais não ousando descumpri-los, pois

não se conhecia outra lei para traição de esposa além da morte violenta. Lei antiga, vinha dos primeiros tempo do cacau, não estava no

papel, não constava no código, era no entanto a mais válida das leis e o júri, reunido para decidir da sorte do matador, a confirmava unanimemente, cada vez, como a impô-la sobre a lei escrita mandando condenar quem matava seu semelhante (AMADO, 2001, p.92).

Assim, é possível perceber que as regras sociais de Ilhéus estavam estratificadas e que algo precisava acontecer, muitos costumes ainda deviam ser revistos, pois não estavam em consonância com o advento da modernidade que já estava chegando ao Brasil e, inclusive, na cidade. A situação deixava ainda mais evidente a contradição de uma sociedade que não permitia a traição e nem a participação da mulher na vida sociopolítica, mas não se importava com a presença de assassinos pelas ruas:

Ora, Ezequiel, quando você já viu gente daqui ofender-se com assassinos soltos nas ruas? Se todos os coronéis criminosos de morte tivessem que viver nas fazendas, as ruas de Ilhéus ficariam desertas, os cabarés e bares cerrariam suas portas, nosso amigo Nacib, aqui presente, ia ter prejuízo (AMADO, 2001, p. 170-171).

Todavia o questionamento deste costume, mesmo que de forma singela, estava se iniciando na mente de algumas pessoas da cidade, como observamos em uma conversa entre os personagens Dr. Maurício Caires, Nhô Galo, coronel Manuel das Onças, coronel Ribeirinho, Clovis Costa, Mundinho Falcão, um comerciante do Rio Do Braço, Ari Santos, Chico Moleza, Bico Fino, e demais personagens que se situavam no

Bar Vesúvio e comentavam a tragédia. Alguns, posicionando-se a favor e outros contra:

- Não discuto isso – falou o Capitão – Mas a verdade é que você, dr. Maurício, e muitos outros são é contra o progresso.

- Desde quando progresso é safadeza?

- São contra sim, e não me venha com essa conversa de safadeza numa terra cheia de cabarés e de mulheres perdidas. Onde cada homem rico tem sua rapariga. Vocês são contra o cinema, um clube social, até as festas familiares. Vocês querem as mulheres trancadas em casa, na cozinha... (AMADO, 2001, p.101).

Nesta discussão a respeito dos costumes locais, percebemos novamente que o questionamento dos hábitos da cidade é feito em um local público – Bar Vesúvio. E tal problematização se estende às ruas ilheenses, uma vez que pessoas que participavam da conversa saem do bar e ao passar pelas ruas continuam a discutir o tema com demais pessoas que nelas estavam. Foi o que aconteceu com Mundinho Falcão que saiu do bar e foi abordado por Iracema, que estava no portão de sua casa, a respeito de seu posicionamento quanto à postura do coronel Jesuíno. A conversa estendeu-se ainda mais quando o exportador Mundinho passou pela praça e encontrou as alunas que saíam do colégio das freiras, juntamente com o professor Josué.

Estes hábitos eram vistos com maus olhos por imigrantes de cidades mais desenvolvidas como o engenheiro Rômulo, Mundinho Falcão, e o dentista Osmundo, que estudaram no Rio de Janeiro ou em Salvador,

e já vivenciavam uma sociedade diferente. Através de uma conversa entre Malvina e Rômulo, que acontece nas ruas ilheenses, observamos uma dessas críticas quando o engenheiro questiona a cidadã ilheense o porquê da população local não frequentar as praias da cidade.

- A praia é bonita. É boa pro banho de mar?

- Muito boa.

- Mas está vazia...

- Aqui não há esse costume. Só Mundinho, e, antigamente, o finado Osmundo, um dentista que foi assassinado... De manhãzinha bem cedo.

O engenheiro riu:

- Mas não é proibido?

- Proibido? Não. Só que não é costume (AMADO, 2001, p. 163).

Logo, as ruas ilheenses revelam vivências socioculturais dos personagens, isto é, dos pedestres que por elas passam, pois o

transeunte é a personagem na qual qualquer indivíduo – homem, mulher ou criança – se transformam nos momentos mais ou menos fugidios em que pela rua passa (FREHSE, 2011, p. 45).

Seguindo este viés, continuamos a ressaltar as ruas ilheenses como mediadoras das transformações sociais da cidade, uma vez que esse espaço nos revela as regras de conduta da sociedade assim como a desconfiguração das mesmas.

Para reforçar esta assertiva, trazemos para análise o comportamento da protagonista do romance, Gabriela, que é uma oposição ao mundo socialmente constituído

de Ilhéus. Pelo fato que não se conformar em viver diante de tantos não, a personagem se recusa a ter sua liberdade privada e transgride as normas destinadas às mulheres casadas. Gabriela representa no romance uma personagem fora das normas da sociedade ilheense, e para a maior parte da população do período é uma mulher que estava à margem da sociedade, tanto por questões econômicas, mas principalmente por questões culturais.

Era ruim ser casada, gostava não... Vestido bonito, o armário cheio. Sapato apertado, mais de três pares. Até jóias lhe dava. Um anel valia dinheiro, dona Arminda soubera: custara quase dois contos de réis. Que ia fazer com esse mundo de coisas? Do que gostava, nada podia fazer... Roda na praça com Rosinha e Tuíscas, não podia fazer. Ir ao bar, levando a marmita, não podia fazer. Rir pro seu Tônico, pra Josué, pra seu Ari, seu Epaminondas? Não podia fazer. Andar descalça no passeio da casa, não podia fazer. Correr pela praia, todos os ventos em seus cabelos, descabelada, os pés dentro d'água? Não podia fazer. Rir quando tinha vontade, fosse onde fosse, na frente dos outros, não podia fazer. Dizer o que lhe vinha na boca, não podia fazer. Tudo quanto gostava, nada disso podia fazer (AMADO, 2001, p. 293).

Estas são algumas das interrogações feitas por Gabriela quanto às normas que Nacib, seu marido, tentava impor-lhe. Porém, a retirante não consegue segui-las, e isso vai aos poucos causando problemas no seu casamento, haja vista que o árabe Nacib vivia conforme as regras da sociedade e exigia o mesmo da esposa.

O quarto e último capítulo da narrativa é denominado "O Luar de Gabriela". O mesmo apresenta entre parêntese os dizeres: "Talvez uma criança, ou o povo, quem sabe?". Isso nos põe a pensar sobre a personagem Gabriela, que não se restringe simplesmente à sensualidade feminina, muito menos a parceira de um caso de amor.

Gabriela, muito mais do que isso, é a personagem que critica os hábitos da sociedade ilheense e que não os respeita. Ela age conforme seu pensamento. Não deixava de ir ao circo simplesmente porque a sociedade achava que isso não convinha para uma mulher casada, não deixava de brincar com Tuisca na rua se isso lhe causava satisfação, não gostava de usar sapatos apertados somente porque eram símbolo de status e poder na sociedade.

Enfim, era ela que por meio de atitudes infantis, inocentes e que muitas vezes representavam a vontade popular, a violar os hábitos e costumes da época, indicando com o próprio comportamento as transformações sociais de que Ilhéus necessitava. Tais mudanças, ainda que tardias, iriam acontecer, pois como afirmou Baudelaire, por meio de seus estudos sobre a modernidade nas ruas, "a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma dos seus cidadãos" (BERMAN, 2000, p. 177). A modernidade que se iniciava em Ilhéus aparece, principalmente, no último capítulo do romance: "Transformaram-se não apenas a cidade, o porto, as vilas e povoados. Modificam-se também os costumes, evoluíram os homens..." (AMADO, 2001, p. 239).

Essa modificação de costumes é representada, principalmente, pela atitude que Nacib toma ao descobrir o envolvimento de Gabriela com Tônico Bastos. Como dito anteriormente, o comum em Ilhéus era penalizar a mulher e

o amante com a morte de ambos. Todavia, a reação do senhor Saad destoa dos códigos patriarcais da sociedade local, pois ele “apenas” agride fisicamente a esposa, expulsando-a de casa e providência alguns documentos para a anulação de seu matrimônio. Assim, os hábitos antigos da cidade, designados por Tônico Bastos de “costumes feudais”, estavam perdendo as forças. Por conseguinte, a situação estática na qual se encontrava aquela Ilhéus que “estava longe de ser realmente civilizada” (AMADO, 2001, p. 112), estava por findar-se em virtude da mudança de comportamentos de uma parcela da sociedade.

Outro episódio que marca a transição de costumes ilheenses é a condenação do coronel Jesuíno pelo assassinato de dona Sinhazinha. Com a prisão do coronel elimina-se um dos costumes machistas de Ilhéus, pois se haverá punição para os que praticarem tal crime, o mesmo tem a probabilidade de diminuir.

Já Malvina que “odiava aquela terra, a cidade dos cochichos, do disse-que-disse. Odiava aquela vida e contra ela passara a lutar” (AMADO, 2001, p. 219), foge de sua cidade natal e vai para São Paulo em busca de condições igualitárias de vida e também para dar continuidade aos estudos, pois se permanecesse em Ilhéus, na casa dos pais, seu futuro estava predestinado a ser uma mãe de família, como a própria salienta em um diálogo com o pai:

– Que adianta dizer? O senhor não vai compreender. Aqui ninguém pode me compreender. Já lhe disse, meu pai, mais de uma vez: eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. Quero viver a meu modo. Quando sair,

no fim do ano, do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório (AMADO, 2001, p. 215).

Malvina destaca-se por não concordar com os costumes locais tanto quanto Gabriela, porém os comportamentos da retirante da cor de cravo e cheiro de canela são mais ousados no sentido de que a mesma tinha maior liberdade para tal, enquanto Malvina era dependente de seus pais. Deste modo, a única forma que encontra de viver livre dos costumes da sociedade Ilheense é fugindo da cidade.

Outro personagem que se destaca por apoiar a mudança da cidade é o Coronel Altino, homem que demonstrava apreço por Mundinho Falcão e que a ele se unia desde a chegada do mesmo, ressaltava as transformações sociais para os demais coronéis de Ilhéus que não as admitiam:

– O tempo chegou, vosmicê não quer se dar conta. No tempo da gente não tinha cinema, os costumes eram outros. Tão mudando também, é tanta novidade que a gente nem sabe pra onde se virar. Antigamente pra governar bastava mandar, cumprir compromisso com o governo. Hoje não basta (AMADO, 2001, p. 209).

Por fim, destacamos Mundinho Falcão, personagem que chegou a Ilhéus com intuito de urbanizar a cidade, apresentando à sociedade ideais modernos que iam de encontro à postura dos coronéis de cacau ilheenses. Com isso, o romance evidencia o enfraquecimento do coronelismo no Brasil por meio de um homem que simbolizava ameaça para os coronéis de Ilhéus, pelo seu caráter moderno, que buscava a modernização e urbanização da cidade.

Evidenciamos estas características em uma intriga que o exportador tem com os coronéis de Ilhéus quando Ramiro Bastos manda seus jagunços queimarem os jornais da edição do *Diário de Ilhéus*:

Coronel, não sou covarde, pode crer. Mas como o senhor mesmo disse esses métodos correspondem a um tempo passado. É exatamente para mudá-los, terminar com ele, para fazer de Ilhéus terra civilizada, que me meti em política (AMADO, 2001, p. 196).

Estas palavras ditas por Mundinho Falcão, ainda no início de sua chegada à cidade, evidenciam a vontade do exportador pela luta da modernização de Ilhéus, e como ele bem salientou não iria desistir disso facilmente.

Neste sentido, tentamos analisar, através do comportamento dos personagens de *Gabriela, cravo e canela*, que a cidade baiana assume neste romance o papel de mediadora de uma mudança, apresentando-nos as relações socioespaciais recorrentes em uma cidade moralista do século XIX, pois

o passado que ainda estava presente em detalhes da vida da cidade e nos hábitos do povo. Desaparecendo aos poucos, cedendo lugar às inovações, a recentes costumes. Mas não sem resistência, sobretudo no que se referia a hábitos, transformados pelo tempo quase sem leis (AMADO, 2001, p.14).

Por meio do romance *Gabriela, cravo e canela*, Jorge Amado indicou que a cidade muda realmente quando a sociedade também muda em conformidade com o progresso da mesma. Assim, foi possível demonstrar este processo de modernização e de transformações sociais, fazendo um estudo da rua enquanto local público, uma vez que nela o pedestre enquanto pessoa (político, exportador, coronel, mulher) estabelece relações com o “povo” e modifica alguns costumes desproporcionais para os novos tempos. Modificação para a qual Jorge Amado chamou atenção do leitor antes mesmo de findar sua narrativa.

Modificava-se a fisionomia da cidade, abriam-se ruas, importavam-se automóveis, construíam-se palacetes, rasgavam-se estradas, publicavam-se jornais, fundavam-se clubes, transformava-se Ilhéus. Mais lentamente porém evoluíam os costumes, os hábitos dos homens. Assim acontece sempre, em todas as sociedades (AMADO, 2001, p. XIII).

Considerações finais

Este estudo teve como foco principal analisar o espaço em *Gabriela, cravo e canela*, porque como bem justificou Antonio Dimas (1998, p. 20) é ele quem revela a nossa “experiência do mundo”. Foi por meio do espaço social retratado no romance, isto é, do vínculo dos seres humanos com o espaço das ruas e, também, de outros espaços públicos como o Bar Vesúvio, que conhecemos a realidade social de Ilhéus, que apesar de estar inserida em um período de modernização apresentava diversos resquícios do passado. Analisando o comportamentos de

alguns personagens do romance amadiano, foi possível perceber a luta dos mesmos por espaço na sociedade, enfatizada pelas críticas aos costumes ilheenses que já não eram mais compatíveis com a cidade. Por fim, trazemos aqui as considerações de Henri Lefebvre, destacando que

A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados, etc.), com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto (LEFEBVRE, 2001 p. 51).

Referências

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **O romance social brasileiro**. São Paulo: Scipione, 1993.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 85. ed São Paulo: Record, 2001.
- BERMAN, Marshall. O Modernismo nas ruas. In: _____. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 44.ed. São Paulo: Cultrix. 2009.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- FREHSE, Fraya. **Ô da rua!**: o transeunte e o advento da modernidade em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MATTA, Roberto da. Espaço: casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: _____. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.